

A DINÂMICA DA PROSTITUIÇÃO NO ESPAÇO URBANO DE PARINTINS

Franciney dos Santos Silva¹

kjunior_pjf@hotmail.com

Tatiana da Rocha Barbosa²

Tatiana_r_barbosa@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente trabalho tem como tema a Dinâmica da Prostituição no Espaço Urbano de Parintins-AM, com o objetivo de identificar como ocorre tal dinâmica sobre o Espaço Urbano em questão, apresenta um estudo nas áreas de beiras-rio do Bairro da Francesa e União, Praças dos Bois e Eduardo Ribeiro (Antiga Prefeitura) e Rua Maués no Bairro de São Vicente de Paula. Consideramos que a Prostituição por se tratar de uma prática sócio-espacial se relaciona com outras práticas, dentre elas o esporte e a cultura. Por meio do Método Dialético, onde se busca refutar os conceitos do senso comum e aplicar um efeito razão como final, compreendendo análises discorridas sobre uma pesquisa qualitativa participativa conseguimos obter resultados, tais como as relações que a Prostituição produz com outras atividades econômicas dentro do Espaço Urbano, porém, em alguns espaços nulos de tal prática, mas que a Prostituição propicia o seu uso justamente por essa dinâmica de interação. As análises foram possíveis somente a partir diálogo com autores que trabalham o Espaço Urbano e Prostituição. Ademais, conseguimos identificar que os Profissionais da Prostituição usam de tais práticas dentro do Espaço Urbano para se tornarem invisíveis à sociedade conforme o senso comum.

PALAVRAS-CHAVE: Dinâmica. Espaço Urbano. Práticas Sócio-Espaciais. Senso Comum.

1. INTRODUÇÃO

A Prostituição desde 2002 está incluída como ocupação pela Classificação Brasileira de Ocupações – CBO do Ministério do Trabalho e aceita como profissão perante projeto de lei nº 4.211/2012 que tramita no Congresso Nacional está longe de ser considerada como de fato profissão legal pela sociedade e ser geradora de renda sem que seja algo receptor de preconceito, devido usar o corpo como principal fonte de renda. A Prostituição é vista por parcela da sociedade como

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, Universidade do Estado do Amazonas (CESP/ UEA);

² Profª. Msc. em Sociedade e Cultura na Amazônia do Colegiado de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA e Orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso do ano de 2016.

atividade não digna de direitos trabalhistas o que não significa ser motivo de generalizações quanto ao desejo de trabalhar no anonimato, tendo em vista que alguns profissionais driblam os pré-conceitos e seguem trabalhando e explicitando que o sustento de suas famílias é oriundo de sua atividade profissional.

Esse trabalho tem como objetivo principal identificar como ocorre a Dinâmica da Prostituição no Espaço Urbano de Parintins, o mesmo completar-se-á um acervo acadêmico que mais tarde poderá beneficiar outros estudos envoltos da área. Por meio do Método Dialético conforme Azevêdo Filho (2013) discorre em sua tese citando SPÓSITO (2004) o método dialético pode ser explicado como aquele que "procede pela refutação das opiniões do senso comum, levando-as à contradição, para chegar então à verdade, fruto da razão". Onde se procura desconstruir o já existente (realidade) sobre algo e ao mesmo tempo exercer uma nova construção de pensamento sobre ele, nesse contexto o Espaço Urbano e a Prostituição. Para isso, dialoga-se com os principais autores Ana Fani (2007), Araújo (2012), Lima (2010), Jacques Rossiaud (1991), Letícia Cardoso (2008), Lobato Corrêa (1995) e Rogério Haesbaert (1958).

A aglomeração e o fluxo de pessoas tornam-se fatores determinantes para condicionar a Prostituição em diversas áreas do Espaço Urbano de Parintins. Sobre esses determinantes foi então que nos limitamos em abordar a Prostituição sobre as seguintes áreas: as beiras-rio dos Bairros da Francesa e União, as Praças dos Bois e Eduardo Ribeiro (Antiga Prefeitura), ademais, rua Maués no Bairro de São Vicente de Paula. Tratando-se dos Bairros de Francesa e União, estes observamos nos meses de maio e junho do atual ano, as observações sobre estas áreas e somadas com as demais consideramos ter observado durante 28 dias por meio de um Trabalho de Campo, sendo aplicado um questionário à cinco Profissionais do Sexo e realizado perguntas informais sobre tais áreas à 15 pessoas.

De forma clara e objetiva, somados os resultados de Pesquisa Qualitativa de onde obtemos alguns dados por meio de questionário aplicado aos profissionais, e outros prontos quanto à meios públicos de informações que nos embasamos, serão estes que nos ajudarão a identificar de que forma ocorre a dinâmica da Prostituição nos limites do Espaço Urbano de Parintins.

2. O ESPAÇO URBANO UMA PRÁTICA CONCRETA AO SEU CONCEITO

A abordagem conceitual sobre o Espaço Urbano torna-se algo complexo devido à pluralidade de subdivisões de conceitos científicos a serem compreendidos. O homem, a cidade e por fim o urbano, esses fazem parte do processo de entendimento sobre o Espaço Urbano, de modo que, a fusão conceitual dessas subdivisões resulta numa prática que se sobressai ao abstrato, compondo-se uma prática concreta, de relações sobre um espaço físico.

Diante do exposto buscamos trabalhar alguns autores como CARLOS (2007, p. 12) qual discorre “o Espaço Urbano “é a compreensão da cidade através da análise da vida cotidiana como prática sócio-espacial; isto é, a cidade como o espaço onde se desenrola e ganha sentido a vida cotidiana”, sobre o argumento da autora, consideramos que a cidade compreendem-se por meio de relações sociais através das práticas sócio-espaciais que são diariamente praticadas, essas dão sentido a vida, sem elas as relações sociais seriam impedidas de ocorrer.

Com base na prática social citada pela autora antes, Lobato Corrêa fala sobre os diferentes usos da terra (no modelo urbano), ou seja,

Tais usos definem áreas, como: o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão (CORRÊA, 1995)

Não devemos nos iludir que o Espaço Urbano considera-se somente o espaço pronto e usado pelas práticas sócio-espaciais dentro da cidade. Lobato Corrêa (1995) conforme o citado acima, caracteriza o espaço urbano com o uso de terras prontas onde se há práticas sociais de comércio, de serviços e gestão e como áreas residências, ora, essas que nós compreendemos tratar-se de fato de urbano, mas ele considera que o Espaço Urbano é caracterizado até por terras que não são usadas, mas essas que poderão servir para o uso de práticas sócio-espaciais futuramente.

Para HAESBAERT(1958) “numa visão materialista, ‘espaço é de certa forma, dado como se fosse matéria-prima’”, ou seja, algo que a partir da moldagem humana pode ser transformado. Nesse sentido, LIMA (2010, p. 4) discorre que “O homem deve ser colocado como elemento central da discussão da produção do espaço,

sem ser desvinculado de suas condições sociais específicas”, é interessante, se existir inúmeros meios de pensar na produção do Espaço Urbano, em nenhum deles o homem se fará ausente.

ARAÚJO (2012, p. 138) “o urbano é um fenômeno que se impõe em escala mundial a partir do duplo processo de implosão-explosão da cidade atual” o autor na intenção de objetivar/discutir sobre o Espaço Urbano interliga sobre uma implosão-explosão da cidade, o urbano enquanto relações sociais têm suas influencias para além dos limites físicos da cidade, devido suas produções ou formas capitalistas e, por conseguinte influencia logicamente dentro dos limites físicos da cidade, isso por sua vez influenciam na transformação da paisagem, território e ambiente.

O que fica claro é que o Espaço Urbano se forma a partir da união dos conceitos entre Cidade, Urbano e Homem, a fusão conceitual a que citamos no início desse capítulo. O urbano se apresenta então como relações sociais, essas apresentadas por meio das práticas sócio-espaciais, o homem se conceitua como produtor e produto do meio nesse contexto de espaço urbano e as cidades, tornam-se estruturas físicas que permitem que essas práticas sócio-espaciais se relacionem e deixa com o que o homem seja o produto/produtor desse Espaço Urbano.

3. A PROSTITUIÇÃO NEGÁVEL DIANTE A SOCIEDADE COMO FORMA DE TRABALHO

O que contempla o imaginário do senso comum conforme a pesquisa, é que se Prostituir acaba limitando-se apenas às áreas marginalizadas, tais periféricas. CORRÊA (1995, p. 7) denomina zona periférica como “área em torno do núcleo central”, categorizando “área residencial caracterizada por residências populares e de baixa classe média”. Porém, constatou-se que a atividade da prostituição usufrui o Espaço Urbano como um todo. Sem que passemos pela Etimologia da palavra, tratando somente da Prostituição firmada hoje, contextualizaremos a sua criminalização quanto uma forma de trabalho. Ainda hoje (dias atuais) de acordo com a pesquisa conforme o senso comum, se tem a Prostituição constituída somente por pobres marginalizados, o que caracteriza que seus profissionais se encontram nos bairros periféricos das cidades, excluídos de políticas públicas, segregados por preconceito.

Para ROSSIAU (1991, p. 23) “Prostitutas públicas e mulheres secretas infiltram-se em todos os lugares e se instalam tanto em bairros luxuosos quanto na periferia”, trata-se exclusivamente sobre essa visão preconceituosa que assiste inegavelmente aos profissionais da prostituição, se exaure então a forma de pensar que se prostituir cabe somente aos pobres e aos lugares pobres. Conforme a pesquisa o preconceito ainda prejudica veementemente os Profissionais da Prostituição, justamente por se pensar que é uma atividade econômica exercida somente por pobres marginalizados.

Se a pobreza aumentava o número de mulheres disponíveis, o mundo dos amores venais nutria-se com riqueza e diversificava-se com os bens e as culturas. Em outras palavras, o crescimento que nos séculos XII e XIII tornou as sociedades urbanas complexas segregou naturalmente microssociedades de prostituição cujas estruturas e comportamentos refletiam pouco ou muito a diversidade do seu ambiente, esforçando-se para responder às suas solicitações. (ROSSIAUD, 1991, p. 13)

De acordo com o autor, que trabalhou a prostituição durante a idade média, compreende-se que essa visão preconceituosa foi constituída há muito tempo, se a pobreza como diz o autor aumentava, o mundo da prostituição preenchia-se de riqueza, porém, algo importante, elas (prostitutas) não se limitavam a morar ou trabalhar em bairros pobres, mas extravasavam suas formas de trabalho para lugares luxuosos, como se transferiam para tais lugares.

Infelizmente, não se nutriu da prostituição perante a sociedade a forma luxuosa do trabalho, nutriu-se apenas que essa atividade origina-se de pobre e com os pobres ficaram, em lugares pobres permanecem. É o mesmo de justificar, que se Prostituir não cabe às pessoas pertencentes às outras classes sociais. Conforme o autor acima que trata sobre as microssociedades, justamente após uma eventual segregação espacial, conforme correlação com o crescimento urbano dos séculos XII e XIII. Conforme o exposto acima se entende que essa visão foi construída paulatinamente até que esse conceito negativo quanto a Prostituição continuasse fixo ate hoje.

O que tratamos aqui não é fazer uma contextualização histórica da coisa, mas sim, para que atentemos sobre o preconceito veemente firmado sobre essa atividade econômica. Formaram-se pequenas sociedades, foi justamente porque tais não condiziam com os mesmos valores sociais das outras.

Por meio de algumas encenações que em parte as novelas apresentam sobre o Profissional da Prostituição, quando estes são retratados, os personagens se apresentam praticando atos que não condizem com o correto para a sociedade (senso comum), outros não se apresentam lúcidos, justamente o que Brito (2008) também aborda no seu trabalho.

A abordagem, todavia, está sempre ligada às drogas, à violência, à exploração, à prática de delitos, à necessidade econômica e a comportamentos desviantes e promíscuos. Entretanto, a popularidade que essas personagens conquistaram perante a opinião pública é fato inegável. São as *“tietas do agreste”*, as *“bebels”* e as *“madames clessis”* que surgem das obras de ficção e passam a permear o imaginário do povo, pela graça, pelo bom humor, pelo modo de vestir, pela linguagem despudorada, pela vida fácil, pela bravura – qualidades admiráveis, mas não suficientes à plena aceitação e à conseqüente inclusão social. (BRITO, 2008, p. 4)

O autor que trabalha a Prostituição como uma forma de inclusão social faz um comentário sobre esse tratado que a televisão e outros meios midiáticos fazem sobre o profissional. Todas as formas que o profissional se expressa são notáveis e plausíveis a certo ponto por quem as assistem, ora, trata-se apenas de ficção, não sendo algo permissível a realidade. Seria como todos se espelhassem ao personagem a linguagem, por exemplo, é algo copiado, todos expressam a mesma linguagem, a roupa copia-se a moda casual, mas a realidade trata-se de outra.

Contudo, o que parece é que por mais que criemos pensadores críticos quanto a um olhar diferenciado sobre a Prostituição, ainda está muito longe de quebrarmos esse elo preconceituoso que se formou a séculos sobre esses profissionais. Nossa idéia é que façamos uma análise que essa profissão e sua dinâmica causa sobre o espaço urbano de Parintins atentando para de que forma essa prática sócio-espacial se relaciona com outras práticas.

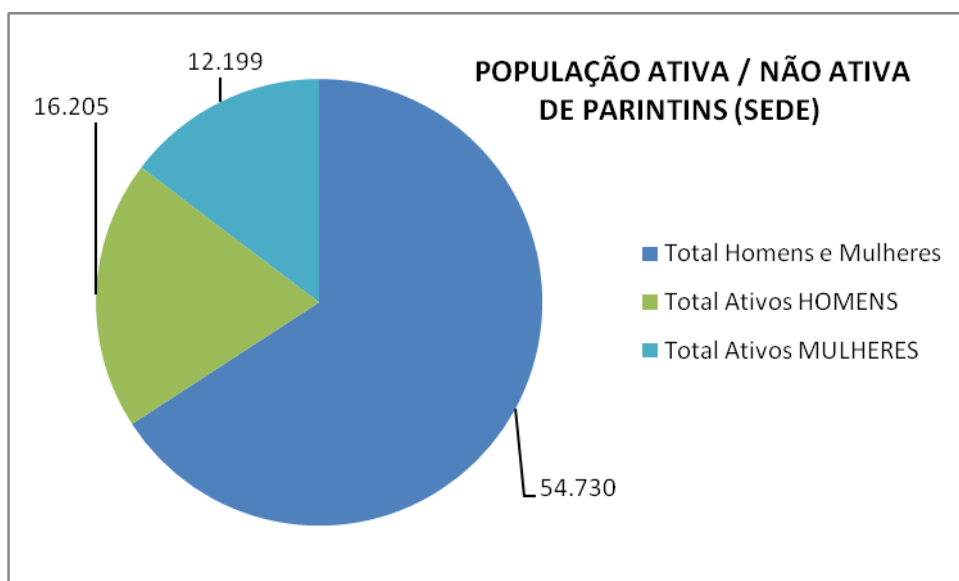
4. A PROSTITUIÇÃO COMO PRÁTICA SÓCIO-ESPACIAL NA CIDADE DE PARINTINS-AM

O município de Parintins encontra-se distante 369 quilômetros em linha reta ou 420 quilômetros por via fluvial de sua capital Manaus. Está localizada à margem direita do Rio Amazonas ao leste do estado, conforme dados do IBGE / CENSO 2010 possui uma população de 102.033 mil habitantes e sobre estimativa para que esse número no atual ano de 2016 aproxime-se de 113 mil pessoas.

Pesquisar sobre a Prostituição dentro do Espaço Urbano de Parintins, nos leva a um desafio um tanto criterioso. A prática sócio-espacial da Prostituição na cidade de Parintins, conforme a pesquisa a princípio era algo que se praticava em lugares periféricos, seria um ponto determinante para o preconceito recaído os profissionais, sobre a pesquisa e seus resultados, percebemos o quanto era equivocado pensar dessa forma. Recorremos primeiramente a alguns números que nos possibilitaram a fazer uma análise sobre a renda financeira dos habitantes de Parintins, a caráter de explicação, analisamos somente os números correspondentes aos habitantes da cidade (sede), justamente para não contrapor ao tema em específico.

Segundo a pesquisa ao Banco de Dados do IBGE, temos uma população de 67.655 mil pessoas residindo na sede do município, neste contexto, conseguimos um número correspondente a População Economicamente Ativa e Não-Ativa– PEA a partir dos 10 anos de idade, em que entre homens e mulheres somente 54.730 caracterizam essa classificação, porém, entre homens e mulheres, somente 16.205 são homens e 12.199 são mulheres que ocupam ou estão a procura de uma vaga de emprego no mercado de trabalho, o restante representa a População Econômica Não-Ativa, aqueles que não estão a procura de trabalho ou aqueles que não podem trabalhar.

Gráfico 01: População Ativa / Não-Ativa de Parintins / 2010



Fonte: Banco de Dados do IBGE / Censo 2010. Org. SILVA, Franciney.

O que nos leva em consideração é compreender a Dinâmica que essa atividade produz sobre o Espaço Urbano de Parintins, nesse sentido CARLOS (2010, p. 11) discorre “as relações sociais se realizam, concretamente, na qualidade de relações espaciais – constituindo-se enquanto atividade prática”, de tal forma a lógica nos trás isso, porém, é preciso que repensemos dialeticamente, construir e desconstruir um pensamento já existente, a cidade e logo o espaço físico torna-se algo condicionante para que se possa pulsar atividade sócio-espacial, uma forma de reciprocidade. Desse modo, considera-se que a Prostituição é nesse caso uma prática social, permissível através do Espaço Urbano, sua prática acima de seu espaço, esse concreto, esse físico.

Dessa forma, fica claro que a atividade econômica da Prostituição depende de forma direta do uso do Espaço Urbano, esse espaço que entendemos ser preñado de ações sociais dos mais diversos tipos. Em Parintins, focaremos justamente em áreas de Beiras-rio do Bairro da Francesa e União, Praças Públicas (dos Bois e Antiga Prefeitura), Rua Maúes no Bairro de São Vicente e Avenidas, Penetração no Bairro da União e Geny Bentes que divide o bairro dos Itaúnas I e II.

São essas áreas que se tem maiores informações informais conforme pesquisa da Atividade da Prostituição, iniciaremos pelas beiras-rio justamente por elas apresentarem uma dinâmica diferenciada da Prostituição que acaba atendendo não somente os públicos do urbano, mas também do rural.

4.1 Beira-rio do Bairro da Francesa e seus condicionantes que promovem a Prostituição

O Bairro da Francesa conforme pesquisa ao Banco de Dados do IBGE / CENSO 2010 abriga 2.971 moradores, localiza-se ao leste do centro da cidade. Tem uma interação forte de comércios dos mais diversos tipos, roupas, calçados, eletrodomésticos, sementes para o campo, acessórios de pesca, medicamentos veterinários, dentre outros materiais que dividem ao cliente do urbano e do rural. Explica-se que através da dinâmica natural do lago que chega aquela beira, provoca essa diferenciação na dinâmica urbana da cidade, segundo a pesquisa as relações sócio-econômicas se transformam mais durante a enchente devido ao fluxo eminente de embarcações que a toda hora chegam e saem daquele beira.

Porém, destacar-se-á que essas transformações apenas se aprimoram neste período, isso não induz a dizer que durante a época contrária a essa, essas relações sociais sejam mínimas ou quase nulas. Conforme perguntado a 3 comerciantes da área em questão consideraram que o maior fluxo de pessoas se dar no período de enchente naquela área, justamente pelo maior fluxo de pessoas e veículos, estes fluviais e terrestres que causam maior aglomeração. Ademais, completa-se que estes fatores ocasionados pela natureza condicionam a promoção da atividade econômica da Prostituição naquele Espaço Urbano durante o dia e a noite. Através da pesquisa do modelo qualitativa conseguimos obter alguns dados importantes para que fizéssemos uma reflexão contextualizada daquela realidade.

Para CARLOS (2007, p. 12) “o espaço surge enquanto nível determinante que esclarece o vivido, na medida em que a sociedade o produz, e nesta condição apropria-se dele e domina-o”, outrossim, na forma que tomemos a observar aquele espaço fica claro que tal lugar para as profissionais se formou através da produção da sociedade, condicionando a aglomeração de pessoas determinando a prática sócio-espacial da Prostituição naquela área.

Tratando agora dos lugares usados para se prostituir, citamos os bares que beiram a avenida, de fundo encontra-se o lago e sobre a escuridão que paira aquele local é que se exerce a atividade econômica da Prostituição. Em contemplação a isso, considera-se um lugar não visitado por todos, mas por uma minoria escassa de maneira associativas à classes sociais elevadas, isso contempla o imaginário associado ao Senso Comum.

O estigma em discussão pode ser assim sintetizado: se o profissional do sexo for pobre, a prostituição é um recurso legítimo para a falta de dinheiro; se não for pobre, a prostituição decorre de uma conduta desviante, promíscua, patológica. Os dois casos impedem que o grupo se apresente com dignidade na defesa de sua condição. (BRITO, 2008, p. 10)

Conforme o exposto acima se considera assim o profissional do sexo, se usa dessa profissão é porque é pobre ou se não é, talvez porque desviou-se de qualquer outro caminho que o levasse a prosperar outro futuro. Originando-se assim de todas as formas um preconceito egoísta, onde levando em consideração que se é feito por pobre, será visitados ou terão a clientela de pobres. Sendo assim, consideramos que o condicionante da prostituição em primeiro caso foca-se a aglomeração de pessoas permitida pelo comércio presente naquele espaço urbano, em seguida o fluxo

eminente das relações do urbano e o rural, que atraem as profissionais a tal espaço com a finalidade de aumentar conquistar lucros oriundos dessa forma de trabalho.

O fluxo maior de transportes fluviais, a diversidade do comércio com fins urbanos e rurais caracteriza-se como condicionantes para a prática da Prostituição, uma vez que a aglomeração de pessoas se torna maior, pessoas urbanas e rurais dividem o espaço devido à dinâmica comercial produzida na área. Sobre essa maior aglomeração não consideramos que o homem do rural é quem usufrui mais da Prostituição, ele torna-se um objeto a mais nessa produção da Prostituição.

4.2 Beira-rio do Bairro da União, a Prostituição como prática permitida pelo descaso de políticas de urbanismo

A observação quanta a análise acima do encontrado na beira-rio em questão, tornou-se algo complexo, uma vez que pelo bairro ter se formado no ano de 2011, não conseguimos obter nenhum dados populacional do mesmo quanto ao Site do IBGE / CENSO 2010. O bairro tem sua fundação através de uma ocupação, o que se tem apenas é uma estimativa conforme pesquisa a Coordenadoria de Arrecadação, Terras e Cadastro é que o bairro abrigue 500 famílias aproximadamente. Para CORRÊA (1995, p. 3) o Estado atua “na organização espacial da cidade. Sua atuação tem sido complexa e variável tanto no tempo como no espaço, refletindo a dinâmica da sociedade da qual é parte constituinte”, por atuar na organização o estado tem o dever de condicionar formas de relações sociais, cabe ao Estado viabilizar dentro da cidade, estrutura física, políticas de urbanização que abrigue essas relações sociais.

Quando tratamos de políticas de urbanização é porque o Estado é quem tem o poder e o poder recria uma nova forma de Espaço Urbano.

As políticas urbanas recriam constantemente os lugares, produzindo a implosão da cidade seja pela imposição de novas centralidades (isto porque a centralidade se desloca no espaço da metrópole em função de novas formas de uso/consumo do espaço), seja pela expulsão da mancha urbana de parte da população para a periferia como consequência de um processo de valorização dos lugares pela concentração de investimentos. (CARLOS, 2007, p. 14)

O que levamos em consideração foi à forma de urbanização que o Estado impôs àquele Espaço, houve um novo tipo de centralidade no local, justamente pelo

novo fluxo de pessoas. CARLOS (2008, p. 65) explica que centralidades ou centralidade considera-se como “novos usos como consequência das mudanças nos setores econômicos. Esse processo, que se realiza de forma concentrada no espaço como uma expansão do centro tradicional”, centralidade conforme o autor discorre a expansão comercial, que antes concentrava-se somente no centro, devido a nova dinâmica econômica realizada em um novo espaço. Foi devido a repentina urbanização, não de políticas de urbanismo, mas de relações sociais que o Estado considerou fazer um novo tipo de espaço. Implosão considera-se a partir da história, antes do uso do espaço do bairro em questão a baira-rio não era usada na mesma intensidade de agora, com a ocupação, logo o fluxo de transportes fluviais aumentou, criando-se um novo modelo de interação entre relações sociais do urbano e o rural por meio dos demais fluxos de urbanização (comercial, dentre outros).

O local durante o dia transita centenas de pessoas, essas que procuram um acesso imediato ao bairro da União. Outros que procuram acessar suas embarcações encostadas na beira e demais pessoas que tem certa interação com aquele espaço.

Sobre o ato de se prostituir foi que conseguimos observar o quanto há relevância do dia para noite para tais profissionais. Devido à inércia de políticas de urbanismo, diante a pesquisa, consideramos que a noite é o principal período diário para se ocorra a atividade econômica da Prostituição, uma vez que as dificuldades de acesso àquela beira torna-se um espaço concentrado de atividades marginalizadas pela sociedade, tanto é, que criou-se um conceito de área vermelha, retratando uma área perigosa. Uma vez que perguntamos também a três pessoas que convivem com o local e os mesmos disseram considerar ser perigoso ao anoitecer naquela beira uma vez a escuridão torna o lugar mais propício aos assaltos.

Ora, deixamos claro que em hipótese alguma construímos um mero preconceito sobre essa área, uma vez que citamos que esse espaço é usado por todos, porém, sua intensidade em relação às pessoas diminui durante a noite, justamente pela precariedade de urbanismo naquele espaço. Sobre essa área vermelha que representa perigo que BRITO (2008, p. 8) comenta que a prostituição por vezes maior, qual ela extravasada sem anonimato, são apresentadas em

“lugares perigosos”, tais quais apresentam pessoas que de alguma forma estão ligadas as mais diversas irregularidades sociais.

Diante a isso o autor argumenta que é “o que induz resistência contra a criação de garantias legais”, devido a isso é que encontramos uma negação perante a prostituição na sociedade. BRITO (2008) comenta citando BECKER (1971) e DOUGLAS (1976), que apresentam a Prostituição sobre o senso comum, tanto como a homossexualidade como comportamentos sociais desviantes.

Às pessoas que têm um comportamento desviante, estejam elas ligadas à prostituição, ao uso e tráfico de drogas, à bebida, ao homossexualismo ou a furtos. Nesse sentido, a prostituição seria uma sujeira a ser varrida para um lugar onde não perturbe a ordem estabelecida, não podendo conviver com a sociedade (família) por oferecer risco de contágio, mas também não devendo ser destruída por ser necessária à conservação da própria idéia de ordem. (BRITO, 2008, p. 9)

Outrora, comentou-se sobre a marginalização da prostituição dentro da sociedade, exatamente porque quando ela (atividade econômica da Prostituição) exercida com extravagância, sempre se apresenta em espaços que pela sociedade que são associados a lugares preñes de perigo, ou por pessoas perigosas, essas representadas por usuários e comerciantes de drogas. Sobre esse comentário do autor nos indica que de fato, quando a prostituição olhada dessa forma, a sociedade nega e continuará negando quanto profissão, a prostituição pode até existir, como segundo o autor diz, desaparecer seria uma afronta à forma de ordem social, uma forma de segregá-los.

Durante o dia a beira concentra além de um acesso rápido ao bairro da União, representa uma pluralidade opcional ao comércio de madeiras, de materiais para o campo e estivas em geral, esse comércio só se mantém por centenas de embarcações e seus tripulantes que convivem diariamente ao local. Fazendo ainda uma análise comparativa à beira-rio da Francesa foi que nos considerou contextualizar que na Francesa e o bairro em questão uma diferenciação clara que se sobressai, justamente é o fluxo de pessoas que se mantém mesmo durante a vazante. Isso porque por, mas que seja período de vazante as embarcações se concentram mais aos fundos do bairro, ao contrário do bairro da Francesa, uma vez que as embarcações procuram outras áreas de beira para encostar.

Portanto, o que se comentou aqui foi que a Prostituição acaba sendo impulsionada numa área de descaso público quanto sua urbanização, as noites

acabam sendo o melhor período por apresentar escuridão, devido os postes estarem sem lâmpadas. Ainda algo que soma para a prática da Prostituição, embora muitos admitam ser profissionais do sexo, outros preferem permanecer no anonimato, desse modo, com a escuridão, com a falta de asfaltamento que por outro lado acaba havendo uma seleção natural dos clientes, onde estes entram por necessidade, outros que entram por conhecer o local e outros ainda que entram mesmo com o perigo apresentado pela sociedade somente a procura dos serviços sexuais dessas pessoas, e elas (profissionais) podendo assim exercerem suas atividades sem que mais tarde sejam reconhecidas.

4.3 Praça dos Bois, Cultura e Esporte como práticas sócio-espaciais que influenciam a Prostituição

A Praça dos Bois localizada ao Centro-sul da cidade recebe todos os dias centenas de pessoas à procura das práticas esportivas em suas vias tranqüilas, estas que com o tempo se tornaram específicas para isso. Outras que vão à procura da prática cultural da refeição em família e demais casualidades sociais, devido o grande número de restaurantes e lanches que ao longo da praça são notáveis. Ademais, a praça serve ainda para a prática cultural do uso de bebidas alcoólicas.

Figura 02: Croqui do Espaço Urbano da Praça dos Bois / 2016



Fonte: Trabalho de Campo. SILVA, Franciney.

Diante de uma breve apresentação da Praça dos Bois, considera-se uma área que compactua um expressível campo de práticas sócio-espacial.

A análise espacial da cidade, no que se refere ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam em um território real e concreto, o que significa dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço através da prática sócioespacial. A materialização do processo é dada pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares, esta é a dimensão da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida. (CARLOS, 2007, p. 20)

Ana Fani (2007) considera que não há condições de separar o espaço e a sociedade quando trata-se da produção da cidade. As relações sociais fazem parte essencial no sentido da construção do Espaço Urbano, essas relações que formam a produção/reprodução de tal espaço. Considera-se que tais práticas sócio-espaciais só são concretizadas a partir da materialização, ou seja, da exposição ao concreto das relações sociais quais essas produzem o Espaço Urbano. No que tange em falar sobre a Praça dos bois, observa-se a pluralidade de práticas sócio-espaciais acima desse Espaço. As relações sociais tornam-se produtoras do lugar.

As relações sócio-espaciais que se apresentam por essa pluralidade de práticas apresentadas são as que permitem a atividade da Prostituição. Sigamos agora a fim de desconstruir aquele pensamento que segundo a pesquisa firma-se no Senso Comum que tal atividade é oriunda de pessoas pobres e essa marginalizada. Perguntamos a três pessoas sobre se sabiam que naquele espaço havia a atividade da Prostituição, duas responderam que não devido o lugar à princípio não apresentar características e um disse que sim, pois devido a prostituição se dar como atividade julgada errada ela pode se apresenta de forma invisível em qualquer espaço.

Segundo a pesquisa, encontra-se na Praça dos Bois em seu lado oeste, próximo do ginásio público, profissionais que à princípio utilizam a mesma somente para a prática esportiva. Constatou-se que essa prática serve sim para seus rendimentos físicos, porém, serve antes de, mais nada como uma camuflagem para quem se utiliza dessa prática econômica e não deseja ser reconhecida em exercê-la em qualquer outro espaço e de qualquer outra forma.

Em outras palavras, a Prostituição sai então de um contexto que a mesma baseia-se em lugares pobres e em pessoas pobres e essas marginalizadas.

Conforme a pesquisa, constatou-se que essa prática é muito relativa de acordo com o espaço. O que chama atenção é que essa prática sócio-espacial ocorre justamente num espaço preñado de atividades físicas que segundo a pesquisa é praticada em sua maioria numa visão geral por Jovens.

CECARELLI (2008, p. 5) “Segundo pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde do Brasil, 40% das prostitutas está na profissão há mais ou menos quatro anos, sugerindo uma ligação entre prostituição e juventude”. O autor que faz uma abordagem sobre alguns números respectivos em relação a Prostituição no Brasil, cita uma pesquisa realizada pelo ministério da Saúde sobre quem se prostituía e qual seria sua respectiva idade.

Compreende-se que através da observação e após uma análise acima da realidade a prática da Prostituição naquele Espaço Urbano trata-se de uma atividade de fato realizado em sua maioria por jovens e eles fixados em classes sociais diferenciadas, esses que outrora comentou-se que vão à busca a princípio de exercer atividades físicas. Embora aquele espaço utilizado por todos e de inúmeras formas, é baseado na procura de atividades físicas por jovens que essa prática sócio-espacial passa despercebido diante as pessoas, trata-se de um espaço que segundo a pesquisa é concentrado de atividades “corretas” segundo o senso comum.

Ao lado leste da Praça dos Bois mais próximo ao Bumbódromo³, encontra-se a maior concentração de bares e restaurantes, a noite trata-se de um período com maior fluxo de pessoas, justamente essas que são atraídas por essas atividades sócio-econômicas. A Praça dos Bois configura-se como espaço público, ora, apresenta diferentes práticas sócio-espaciais do uso coletivo do Espaço Urbano na forma de sua estrutura física. Para LOBODA (2009, p. 5) devemos compreender “os espaços públicos não somente como elementos componentes físicos da estrutura da cidade, a forma, mas analisar seus usos e não-usos, suas formas e graus de apropriação pela sociedade contemporânea”, esses espaços públicos concentrados de práticas sócio-espaciais dentre elas a Prostituição, devem ser analisado muito além de sua estrutura física, mas sim de como ele é usado e talvez deixe de ser usado de acordo com as relações sociais.

³ Local onde todo o ano no mês de junho se realiza o Festival Folclórico de Parintins-Am

Seus potenciais de acesso para a realização de funções diversas da própria vida urbana, pois ocorre, nos espaços públicos, uma multiplicidade de manifestações de ser e estar que se expressam no espaço urbano em escalas diferenciadas. (LOBODA, 2009, p. 6)

Esses potenciais tratando-se do espaço público configuram-se nele diversos fatores que segundo o autor são determinantes para a vida urbana. O autor vai além quando fala da multiplicidade de manifestações dentro desse Espaço Urbano quais elas apresentam-se em diferentes escalas, ou diferentes práticas. Nesse contexto, verifica-se que a Prostituição constitui uma prática que complementa a caracterização do Espaço Urbano, em outras palavras, segundo o autor é uma prática desse modo sócio-espacial determinante para a vida urbana.

Por meio dessa multiplicidade dentro desse Espaço Urbano que nos atentamos naquele lado leste da Praça dos Bois. Se do lado oeste segundo a pesquisa temos uma única prática sócio-espacial em evidência a esportiva, do lado oposto (leste) temos uma multiplicidade de prática, dentre elas econômicas e culturais. Essas práticas econômicas e culturais, são as mais diversas possíveis, isso segundo a pesquisa facilita veemente a atividade econômica da Prostituição, uma vez que forma aglomerados de pessoas e assim, tornando-se possível que os profissionais do sexo se infiltrem nesses grupos.

De acordo com o pesquisado todos os dias em períodos noturnos há dinâmica de tal atividade econômica naquele espaço, porém, há um maior fluxo durante os fins de semana (sexta, sábado e econômica), quando essa multiplicidade de uso do espaço torna-se mais trabalhado.

Ao exposto, considera-se que essas práticas, tanto econômicas como esportivas trata-se de um conjunto facilitador para a atividade econômica da Prostituição dentro daquele Espaço Urbano. Embora essa atividade (prostituição) não seja exatamente praticada de forma explícita naquele espaço urbano, mas sobre observação e análise desta pesquisa consideramos que esses fatores potencializam sim tal atividade econômica devido à interação de relações sociais maximamente fortes naquele espaço.

4.4 A Prostituição como fator um condicionante e não mas como condicionado dentro do Espaço Urbano na Rua Maués no Bairro de São Vicente de Paula

A Rua Maués é umas das principais ruas de acesso ao bairro de Palmares e do próprio bairro de São Vicente de Paula devido a sua verticalidade que liga praticamente o Centro ao Sul da cidade. De acordo com pesquisa ao banco de Dados do IBGE / CENSO 2010 o mesmo abriga 1.676 moradores. Seria uma falha deste artigo abordar a dinâmica da Prostituição na cidade de Parintins sem que citássemos a Rua Maués, sendo esta de acordo com a pesquisa uma rua que tem um alto índice de Prostituição. Diferente de outras áreas as quais citamos aqui, onde os fatores condicionavam a Prostituição dessa vez torna-se ao contrário, a Prostituição condiciona a prática sócio-econômica.

O comércio de bebida alcoólica nos bares acaba impulsionado pela prática da atividade econômica em questão, de acordo com a pesquisa, por meio da ligação histórica que a Prostituição tem com aquele Espaço se a cessão desta prática viesse a ocorrer, isso de alguma forma seria um determinante para o fechamento dos bares, pois não se teria mas a quem comercializar bebidas e outros fins que estão envoltos desta prática. Dos três bares que adentramos para pesquisar todos os donos foram unânimes em afirmar que se as Profissionais se ausentassem do espaço em questão os lucros diminuiriam na forma que acarretariam no fechamento dos estabelecimentos.

Nesse sentido, é necessário que voltemos a citar LIMA (2010, p. 4) o qual discorre que “o homem deve ser colocado como elemento central da discussão da produção do espaço”, ora, explicar-se-á que Prostituição em seu ato humano acabou produzindo sentido aquele espaço, que embora privado se caracteriza dentro do Espaço Urbano, já discorreremos sobre uma eventual cessão caso não haja mas tal atividade econômica da Prostituição naquele espaço.

A noção de produção tem um conteúdo mais amplo que aquele que a economia lhe confere, pois esta se vincula também à produção do homem e de sua humanidade, às condições de vida da sociedade em sua multiplicidade de aspectos. (CARLOS, 2007, p. 22)

Ana Fani (2007) considera que sobre a produção do espaço se dar sim por meio da economia, mas também, a produção do espaço está associada à própria condição humana, aquela que por meio de suas ações são essas as condicionantes para a produção desse espaço em questão.

Diante a isso, consideramos que as ações humanas essas causadas pelos profissionais do Sexo naquele Espaço Urbano são as que são determinantes para a dinâmica ali existente. Se considerarmos o não uso delas naquele Espaço, deixaríamos de considerar a existência dessa dinâmica econômica que por elas são promovidas duas vezes, para elas e para eles (donos dos bares).

Portanto, completa-se que essa dinâmica da Prostituição acima desse Espaço Urbano torna-se claramente diferenciada das demais já citadas, pois a atividade econômica da Prostituição é quem dita a dinâmica sócio-espacial para aquele lugar, não se precisando de qualquer outra prática para a sua promoção, como cultural e esportiva por exemplo.

4.5 A “nulidade” da Prática sócio-espacial da Prostituição na Praça Eduardo Ribeiro (Antiga Prefeitura)

A Praça Eduardo Ribeiro ou Praça da Antiga Prefeitura está localizada no centro comercial da cidade (Senso Comum) ao da Catedral de Nossa Senhora do Carmo. De acordo com a pesquisa sobre o Banco de Dados do IBGE / CENSO 2010 o centro da cidade abriga 5.286 moradores. A praça conforme foi pesquisado é conhecida como Praça da Antiga Prefeitura justamente porque ali naquele Espaço Urbano até o ano de 1997 funcionou o prédio gestacional político e econômico do município. Hoje o espaço é dividido entre camelôs, moradores de rua e taxistas, esses que tem interação íntima com a prática sócio-espacial da Prostituição.

Durante toda a pesquisa, identificamos que essa prática sócio-espacial da Prostituição tem uma relação de interação com outras práticas essas com o mesmo interesse final, o lucrativo. Ao exposto consideramos através da pesquisa e análise que os taxistas da cidade são os que estão diretamente ligados a essa atividade econômica. Argumentamos sobre que observamos no local, não identificamos prostituição de qualquer forma, essa visível e invisível, o que consideramos é que durante as noites os taxistas permanecem até mais tarde, justamente porque a prostituição criou uma interação de trabalho com os mesmos, estes permanecem devido a utilidade deles para o ato de se prostituir.

Ana Fani (2007) considera que “as relações sociais realizam-se concretamente através de uma articulação espaço-tempo, o que ilumina o plano do

vivido, ou seja, a vida cotidiana e o lugar”, tais relações sociais outrora citadas pela autora identificam-se na vida cotidiana dos taxistas, essas relações tornaram-se capazes de refletir em um modelo alternado de trabalho para eles naquele espaço.

Conforme a Pesquisa os taxistas servem como uma forma de Camuflar os “Prostituídos e Prostituidores” conforme FIGUEIREDO e PEIXOTO (2015) denominam. Eles utilizam desse meio justamente pela inegável marginalização que a sociedade aponta e que vários autores comentam sobre a Prostituição. Desse modo, usando outra prática de trabalho para tais prostituidores e prostituídos facilita o anonimato de ambos. De acordo com a pesquisa, tornou-se algo lucrativo para esses profissionais taxistas, uma vez que eles pernoitam na praça justamente por essa dinâmica que a prostituição produz no Espaço Urbano de Parintins cheguem ate eles.

Ademais, fica claro que a dinâmica não trata-se de algo polarizado, tratando-se somente da realização em um espaço que não reflita no outro, consideramos que o papel dos taxistas torna-se essencial para a prática desta atividade econômica qual gera relações sociais em diferentes níveis.

5. OUTRAS ANÁLISES SOBRE ÁREAS PESQUISADAS QUANTO À PROSTITUIÇÃO E O ESPAÇO URBANO

Sobre as seguintes áreas: Beiras-rio dos Bairros da Francesa e União, Rua Maués, Praça dos Bois e Avenida Penetração no bairro de União, aplicamos um questionário à 5 (cinco) profissionais uma correspondente a cada área, sobre 5 (cinco) perguntas optativas as mesmas responderam de acordo com o que se identificavam. Sobre a análise acima do questionário aplicado aos Profissionais do Sexo que deduzimos quais seriam de fato os motivos que os levaram para a prática sócio-espacial do sexo, os resultados transformamos em equivalências percentuais, compreendendo-se assim que se trata de algo mais geral, no caso a Prostituição no Espaço Urbano de Parintins. Diante a isso obtemos os resultados especificados abaixo:

Tabela 1: Questionário aplicado aos Profissionais do Sexo no Espaço Urbano de Parintins / 2016

O que a levou a ser Profissional da Prostituição?	
Desemprego	60%

Caminho mais rápido para ganhar dinheiro	40%
P2 - Quantos aos Programas, realizado em:	
Motel	60%
Espaço Público– Estradas, Ruas e demais pontos	40%
P3 – Seus Familiares sabem? Aceitam?	
Sim, aceitam	40%
Sim, mas não aceitam.	20%
Não, mas se soubessem não aceitariam.	40%
P4 – Média de programa por dia/noite	
Até 5	100%
P5 – Quanto ao Programa (Média R\$)	
Até R\$ 20 por programa	40%
Até R\$ 30 por programa	20%
Até 40 por programa	40%

Fonte: SILVA, Franciney. Trabalho de Campo, 2016.

Os resultados obtidos das 5 (cinco) perguntas optativas nos fazem refletir que a Prostituição é algo ainda influenciado pelo desemprego já que 60% optaram por essa resposta e 40% optaram em responder que se tornaram profissionais por ser o caminho mais rápido para se ganhar dinheiro.

Márcio Roberto (2008) que trabalha a Prostituição como Inclusão Social no Brasil faz uma mera ligação da prática sócio-espacial da Prostituição com a falta de emprego, comenta ainda citando Gaspar (1988) que trabalha sobre os motivos que levam a pessoa a se prostituir, sobre isso os mesmos discorrem sobre a realidade financeira dessas pessoas que os levam para tal atividade econômica, desse modo BRITO (2008, p. 12) comenta sobre a “situação econômica precária, marcada pela difícil colocação no mercado de trabalho, por baixos rendimentos e muitas vezes pela condição de arrimo e chefe de família, é uma forte justificativa para o fato de a mulher se dedicar à prostituição”.

Apesar de o desemprego conforme a pesquisa que levam ainda centenas de pessoas a se prostituírem, devido ao preconceito baseado no Senso Comum, os atos sexuais são realizados em sua maioria em motéis, correspondendo a 60% e outros 40% disseram realizar o ato em lugares públicos, estes aonde são realizados a atividade da econômica em questão. Mas o que fica é, se realizar os atos sexuais em motéis corresponde ao desejo dos profissionais ou dos clientes?

Márcio Roberto (2008) comenta sobre um debate acerca da legalização de direitos dos Profissionais do Sexo em 2003 onde o Dep. Régis de Oliveira argumentava sobre o direito à vida privada, mas esta correspondente somente ao cliente.

Sobre isso BRITO (2008, p. 14) discorre “a preservação do direito à vida privada, à intimidade, porém, apenas do ponto de vista do cliente”, ficou subjetivamente claro que o Senso Comum prejudica veementemente os profissionais, logo de quem deveria tratar o assunto com parcialidade. Cabe somente o direito a vida privada ao cliente, o profissional desse modo se faz ausente. Consideramos assim, que pela maior porcentagem ter apresentado realizar tal ato em motéis, pode-se dizer que é uma ação do cliente na busca do seu anonimato.

BARRETO (2008, p. 76) “o ponto negativo mais enfatizado pelas mulheres é a questão do preconceito e da discriminação a que estão submetidas. Algumas parecem ver menos problemas no trabalho em si do que na forma como este é visto pelas demais pessoas”, a autora que disserta sobre a Prostituição, Gênero e Sexualidade trabalha como esses fatores são encarados pela sociedade. Conforme os resultados consideramos que em sua maioria a Prostituição ainda é algo negável solidamente.

Das profissionais que responderam os questionários, tivemos um resultado que todas (100%) não ultrapassam 5 (cinco) programas por dia. Desses programas obtivemos as porcentagens de 40%, 20% e 40% correspondem respectivamente à média dos valores recebidos por programa, variados entre: R\$ 20,00, R\$ 30,00 e R\$ 40,00. Se considerarmos que todas as profissionais fazem 5 programas diários a R\$ 20,00, isso corresponde a R\$ 3.000,00 (três mil) reais mensais, se considerarmos os sábados e domingos. Esse valor corresponde a três salários mínimos e meio e dessa forma não considerando o profissional ser pobre.

Os Profissionais do Sexo têm uma média diária de quanto ganham devido ao número de programas que realizam e sobre os valores estipulados. Dessa forma cria-se então uma interação dos Profissionais com o Espaço Urbano onde praticam a atividade da Prostituição, uma vez que eles já teriam à princípio em mente quanto aquele espaço em questão os trariam de lucro. Dessa forma consideramos que seria uma mera produção do Espaço Urbano, sobre essa produção consideramos que,

Trata-se da elucidação de um movimento que envolve a produção e suas relações mais gerais, o que significa, neste contexto, que as relações sociais ocorrem fora dos limites estreitos da produção de mercadorias e do processo de trabalho para enfocar a vida em todas as suas dimensões (aquela que se desenvolve ligando momentos e lugares como a casa, a rua, o bairro) criando uma trama de relações como trama dos lugares onde se destaca uma rede articulada que liga as práticas sócio-espaciais. (CARLOS, 2008, p. 41)

O que Ana Fani (2008) considera é que a Produção do Espaço Urbano se caracteriza pelas relações sociais estas firmadas segunda a autora em lugares, tais como casas e ruas, estes que se tornam um meio de se produzir o espaço através das práticas sócio-espaciais. Fica claro segundo esse argumento é que os profissionais se tornam meros produtores do espaço, reforçando então o que diz LIMA (2010, p. 4) “O homem deve ser colocado como elemento central da discussão da produção do espaço”. Contudo consideramos que esses profissionais tanto que influenciam como já vimos anteriormente, quanto eles são influenciados pelo mesmo já que o conceito de Espaço Urbano relaciona a cidade quanto físico, o urbano quanto as relações sociais e o homem como produtor.

Desse modo constituímos que sobre os resultados obtidos a prática da Prostituição é algo meramente complexo, mas descaracterizado na forma que explicitamente não encontra-se somente em lugares pobres e marginalizados, mas usa o Espaço Urbano de forma geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a Dinâmica que a Prostituição produz na cidade de Parintins e por se tratar de uma prática sócio-espacial é algo ao mesmo tempo em que pode influenciar é influenciada pelo Espaço Urbano, ela mostra-se um modelo de atividade econômica que pode interagir com outra atividade econômica. Nesse contexto por ser uma prática sócio-espacial ela pode se fazer presente em qualquer lugar dentro do Espaço Urbano, porém, há lugares que essa prática se fará camuflada e outras que se fará de forma explícita, dependendo de quem a pratica.

No decorrer dessa pesquisa, constatamos que são inúmeras formas de manifestações de tal atividade econômica dentro do Espaço Urbano, foi possível compreender que por meio do senso comum onde a Prostituição é negada devido ser entendida como atividade advinda de pobres e esses marginalizados, a

Prostituição usufrui do Espaço Urbano como um todo, o que diferencia é a forma de extravasar essa atividade econômica. Alguns espaços são apresentáveis diante a sociedade já como áreas de Prostituição e outras áreas a Prostituição se infiltra dentro de outras atividades sócio-espaciais e assim criando uma espécie de praticar tal atividade sem que sejam (profissionais) reconhecidos.

A Dinâmica que a Prostituição produz no Espaço Urbano de Parintins se configura como uma atividade que por hora necessita de outra atividade econômica para que seu ato se realize, justamente porque o preconceito firmado acima dessa profissão força tal necessidade, já que muitos profissionais e mais clientes preferem promover seu anonimato, ter sua privacidade, os taxistas como falado no decorrer do trabalho. A prostituição conforme a análises promovidas nesta pesquisa o poder público é também algo determinante para tal atividade econômica, por falta de políticas de urbanismo a Prostituição se forma em espaços vagos de tais políticas, pois se tornam espaços que também apresentam um modelo de anonimato, pela seleção dos clientes, estes que vão aos espaços por conhecerem.

Ao esclarecido, consideramos a atividade econômica da Prostituição no Espaço de Parintins uma prática sócio-espacial que se tornou essencial, uma vez que por determinar ou ser determinado do Espaço Urbano acaba gerando uma espécie de dependência para a manutenção de outras práticas sócio-espaciais, como para a fixação da vida humana, pelo bem-estar familiar, dentre outros fatores. Desse modo pensar no desuso do Espaço Urbano por tal atividade econômica acarretaria em sério prejuízos, desses para vida social do profissional e até mesmo para a própria produção do Espaço Urbano.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, James Amorim. **Sobre a Cidade e o Urbano em Henri Léfèbvre**. São Paulo, 2012.

BARRETO, Leticia Cardoso. **Prostituição, Gênero e Sexualidade: Hierarquias Sociais e Enfrentamento no Contexto de Belo Horizonte**. Minas Gerais, 2008.

BRITO, Márcio Roberto Andrade. **A Prostituição no Brasil e Inclusão Social: Uma análise do Projeto de Lei Nº. 98, de 2003, sob o aspecto constitucional**. Brasília, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo, 2007.

Coordenadoria de Arrecadação Terras e Cadastro do Município de Parintins. **Levantamento de Número de habitação do Bairro União**. Amazonas, 2016.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. Ed. Ática S.A. São Paulo, 1995.

FIGUEIREDO, Regina; PEIXOTO, Marcelo. **Profissionais do Sexo e Vulnerabilidade**. São Paulo, 2015.

FILHO, João D'Anuzio Menezes de Azevêdo. **A Produção e a Percepção do Turismo em Parintins, Amazonas**. São Paulo, 2013.

LIMA, Bruno Luiz Philip de. **O Espaço Urbano: Perspectiva Teórico- Metodológica da Análise Espacial**. Pernambuco, 2010.

LOBODA, Carlos Roberto. **Espaços Públicos e Práticas Socioespaciais: uma articulação necessária para análise dos diferentes usos da cidade**. São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Marlene Texeira. **A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho**

como outro qualquer?. Santa Catarina, 2009.

ROSSIAUD, Jacques. **A Prostituição na Idade Média**. Ed. Paz e Terra. São Paulo, 1991.

SIDRA, Sistema IBGE de Recuperação Automática. **População Economicamente Ativa e Não-Ativa de Parintins/AM**. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=3548&i=P&nome=on&qtu8=137&qtu14=3¬arodape=on&tab=3548&sec90=95355&sec90=1048033>> acesso em: 11 de Nov. de 2016.